

AO N.º 1174 DO

PATRIOTA

Os srs. Assignantes, cujas assignaturas findaram em 12 de Abril, queiram mandar satisfazer o seu importe.

Ao Adulterio.



REMBENDO adulterio nós te saudamos, e te cumprimentamos com as palavras da ordem = Liberdade, Igualdade, e Fraternidade.

Padre! lêmos no teu Diario, que o governo provisório de França passava a dar um jantar a oitenta mil pessoas, e que tinha contratado o fornecimento de sessenta mil garrafas de vinho, e de trinta mil arateis de presunto.

Padre; tu tens pena de não te achares na patucada dos oitenta mil homens a comerem presunto!

Destes a noticia com o coração enlutado em toucinho.

Um jantar a oitenta mil pessoas o menos que pôde custar (e pela raza) são quatro centos mil francos!!!

Esta somma faz arregalar o olho a qualjuer abralista; não é assim Adulterio?

Que pena é o conde de tomar não ser Francez, e achar-se encarregado do tal brodio! em quanto os convidados lambiam os pratos, a ovia elle e os seus os taes quatro centos mil francos; uma somma tal abré o appetite!

Meu padre! teu saude é não nos queiras mal por estas duas linhas; que estimaremos te vão achar gozando a mais perfeita saude em companhia do teu Diario; e de tua Diaria.

Carta authographa

Do distincto orador Recta-Pronuncia, dirigida aos Redactores do Supplemento.



com a mais agradável sensação no seu ultimo numero estamurada a minha vera e modesta esfigie.

Dilatou-se-me o esophago de satisfação, por ver que apesar da corrupção geral, este paiz ainda conta homens que sabem

fazer justiça.

A chusma dos dignos Solons Lusitanos, nomeando-me membro da commissão especial para a reforma do não sei que, deu uma prova de ter bom officio, e reconheceu que essas reformas hão de ser feitas, senão com a cabeça, pelo menos com o coração.

A redacção da Supplemento foi mais longe, entregou-me a pedra lithographica! immortalisou-me!! e isto no momento em que o Estandarte me delincahava!!!

Srs. redactores, entre mim e aquelle jornal, não ha paz possivel, nem mesmo paz podre enviar corajosamente aquelles redactores uma acção,

com que tinha cabido, para sustentar tão nefando como anarchico papel; e para mostrar, quanto sou Portuguez, quanto sei avaliar o verdadeiro merito estou prompto a tomar vinte arções do supplemento, embora estejam por subido preço,

Devo declarar porém que só pago em notas, por que descobri que uma moeda em notas valle uma moeda, em papel!!!

A propósito de descobertas, desejando ser util ao meu paiz, acabo de abrir um curso onde me proponho domesticar pulgas e ensinar-lhes movimentos elasticos.

Aproveito esta occasião para offerecer o meu politico prestimo aos amáveis redactores do Supplemento.

O estampado

Recta Pronuncia.

BANCO DE PORTUGAL.



CABAMOS de ver no Diario do Governo que o banco de Portugal tem de seu (se é que são seus) perto de quinhentos contos de reis em metal e em emboia!

Nós conhecemos muito bacalhocoito, que tem mais dinheiro em caixa.

Ora um banco, que está tão em baixo, a primeira cousa de que deve tratar é de fazer economias.

Visto este providente, solidido e honrado estabelecimento estar, reduzido a cecacas d'alhos, desmencas e deslizes são tantos coixeiros.

Pôde mesmo poupar o aluguer da casa, indo estabelecer-se na barraca de fructa do caes dos vapôres.

Se o banco pagá a guarda que para alli vai todos os dias, pôde fazer essa despesa muito modicamente; comprando um cão rafeiro para lhe guardar a porta.

Um banco que nada possui e lucra tanto; é cousa incomprehensivel.

Porém no fim de contas onde páram os pintos, que por ahí havião?

Estão sendo chocados pelos irmãos cabraes, Folgosa, Roma e outros milhafres de gaitras cabralistas.

Ao Povo.



PAIZ está a braços com a hydra da anarquia.

João Carlos das Caras hade porém com mão de ferro pôr as uvas em pizá a revolução.

Em pouco soará a hora solenne dos revolucionarios. José Ricardo (o aguaraz de Coimbra) hade levar tudo a machado.

O Recta vai reformar a Carta, e

as costellitas do Reis vão engasgar os Demagogos.

Povo! E' tempo de abrires os olhos e a boca,

e de te não deixares impazinar pelos republicanos

O virtuoso José dos Conegos tem sido accusado de ter roubado uns Conegos!

Povo! Foram os Conegos que roubaram o José!!!

O conde de tomar tem sido aleivosamente inculpado de ter roubado mundos e fundos! e o virtuoso conde não tem dez reis de mel coado!

O nobre conde vive do que come!!

Os Cabraes são honestos, tem palacios, e equipagens, dão bailes; sim, povo, são honestos, por que tudo quanto possuem obtiveram com o seu dinheiro, e não com o vosso.

Se agora jogam a cacheirada é por que tem havido questão de partilha.

Povo! se estás pobre, é por que tem havido falta de chuva, e não por que te tenham roubado; logo que haja agua, verão como renasce a prosperidade publica, verão como tudo nada na abundancia.

Bemdz pois os cabraes; fia-te na virgem e não corras.

Theatro de S. Carlos.

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO DO = DESERTO = OPERA DE FELICIANO DAVID.

ACTO I.

SCENA I.



Alá ricamente illuminada, representando um deserto árido e medonho.

Vêm-se na scena grande numero de Arabes machos, e fêmeas de solfa na mão, vestidos como nós por nossa casa, por não ter havido tempo de se lhe fazer fato á moda do seu paiz.

Coro Arabe. — Alah! Alah! Alah! Alah! Alah!

ACTO II

Enfiado no 1.º continuando os Arabes de solfa na mão a cantarem no deserto, representado pela platá.

Coro Arabe. — Alah! Alah! Alah! Alah! Alah! Alah!

ACTO III

Enfiado no 2.º Os mesmos Arabes, firmes no seu posto; sempre de solfa na mão.

Um tenor Arabe. — Alah! Alah! Alah! Alah!

Alah!

Coro Arabe. — Alah! Alah! Alah! Alah! Alah! Alah!

B. — O Deserto cansou o maior fanatismo. Na segunda representação o theatro representará um ermo; e para maior illusão os Arabes estarão de chapéos armados e vestidos de Desembargadores.

BARRICADAS.



INDA existe muita gente, que ignora como se deve fazer uma barricada.

Uma barricada pôde fazer-se da seguinte maneira.

Seges de aluguer, carros de lama, barricadas, omnibus, taboas, e tudo quanto se possa lançar mão.

Recommendamos, que se algum dia tivermos de fazer barricadas, (que não esqueçam as carroagens dos irmãos cabraes.

O SUPPLEMENTO.



AUTHORIDADE houve por bem accusar e pronunciar o Supplemento por ter fallado em camellos!

Este animal fica sendo inviolavel; nenhum cidadão portuguez poderá d'ora ávante occupar-se de camellos, sem estar de chapéo na mão.

SYNONIMO DE CABBALISTA,

Para instrução dos povos; publicado pelo conde de tomar.

Cobralista. — Ladrão, larapio, surripiente,

caçateiro, homem de tomar, venal, tranqui-bernistá, despota, fusilador, homem sem rei nem roque, e roubador de Conegos.

UNIÃO E ESTANDARTE.



ESTES dois jornaes occupam-se seriamente de discutirem qual das redacções despeja mais lavados.

Parece, que a arena do combate tem sido o escoveiro na outra-banda.

O Estandarte pertende que o padre Lacerda, se tem tornado uma verdadeira esponja, e a União diz pela boca pequena que a redacção do Estandarte gosta de beber agoa na Piedade; a final de contas parece-nos que ambos os jornaes tem razão; por que dizem que gostam do roxo, nisso não vemos nada de pe-caminoso.

Estado do Mercado.

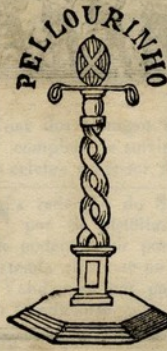
Notas do banco. — Muito procuradas para fabricar panno de linho.

Grillos. — 20 réis a duzia sem gaiolla.

Camellos. — Muito procurados por serem prohibidos.

Bilhetes da grande loteria. — Pouca extracção no paiz, e muito procurados na Persia.

Cucos. — Visto cantarem em Maio estão muito caros.



A desintelligencia entre os dois irmãos unidos parece ser questão de partilhas.

Parece que o bárrão mulato, antigo cidadão capelista, está atrapalhado de finanças, e que em breve tornará a vender luvás; o bom fi ho á casa torna.

Dizem que se vai publicar um jornal francez — La Revue Politique.

Parece que o seu fim é advogar a causa dos defuntos e ausentes.

ANNUNCIOS

José Ricardo Pereira de Figueiredo, morador em Coimbra, tem para vender excellent aqua-raz de superior qualidade para incendiar cidades: quem precisar deste genero, dirija-se ao actual governador civil de Coimbra,

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54.

1848.

